

Expresso

28-01-2012

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 131300**Temática:** Sociedade**Dimensão:** 1122**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/25

Semana de ouro para a ciência feita em Portugal



PRÉMIOS Rita Marquilhas (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) e Miguel Soares (Instituto Gulbenkian de Ciência) conquistaram ontem duas bolsas no valor global de €4 milhões do Conselho Europeu de Investigação (ERC), as maiores a nível europeu. Esta foi uma semana especial: desde segunda-feira dez cientistas a trabalhar em Portugal ganharam mais de €6,6 milhões em prémios e bolsas nas áreas das ciências da vida e das ciências sociais e humanidades. FOTO ANA BAIÃO

Investigação Os melhores da ciência em Portugal

Foi uma semana muito especial para a ciência que é feita em Portugal, uma lufada de ar fresco a contrariar o clima de pessimismo generalizado, com 10 investigadores a serem reconhecidos, a nível internacional ou nacional, como dos melhores e mais promissores nas ciências da vida e na linguística. O destaque vai, sem dúvida, para os ERC Advanced Grants 2011 do Conselho Europeu de Investigação (ERC), que contemplaram os projetos de Miguel Soares (Instituto Gulbenkian de Ciência) com €2,2 milhões e Rita Marquilhas

(Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) com €1,8 milhões. Depois, há os quatro portugueses e uma norte-americana a trabalhar em Portugal reconhecidos como "Futuros Líderes Científicos" pelo prestigiado Howard Hughes Medical Institute (EUA), distinção que atribui um financiamento de 513 mil euros a cada um nos próximos cinco anos. São cinco num grupo de 28 cientistas de 12 países onde a China é a nação mais representada (sete), seguindo-se *ex aequo* Portugal e Espanha (cinco). A distinção acaba por ser também

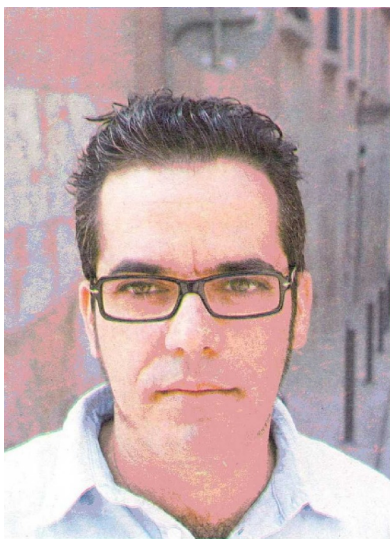
uma mensagem para o Governo e para a sociedade civil, numa altura de crise e de restrições orçamentais: vale a pena investir na ciência e ter uma estratégia de longo prazo, porque há um retorno desse investimento e um reconhecimento internacional ao mais alto nível. No âmbito nacional, o prémio "Mulheres na Ciência 2011" foi atribuído a três jovens cientistas (€20 mil a cada uma) pela L'Oréal Portugal.

VIRGÍLIO AZEVEDO
vazevedo@expresso.imprensa.pt

MIGUEL SOARES

Instituto Gulbenkian de Ciência

Investigar os mecanismos subjacentes à capacidade que o corpo humano tem de refrear a extensão dos danos causados por agentes infecciosos (a chamada tolerância à infeção) é o projeto de Miguel Soares, 42 anos, coordenador do grupo de Inflamação do IGC, que acaba por ser contemplado com €2,2 milhões para os próximos cinco anos pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC). O projeto abre caminho ao desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas para controlar as manifestações clínicas de diversas doenças infecciosas. "As terapias atualmente disponíveis contribuem para parcos resultados no combate a estas doenças", afirma o cientista, que em 2011 ganhou o Prémio Roche de Reconhecimento em Transplantação de Órgãos.



RITA MARQUILHAS

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Portugal brilhou também nas Ciências Sociais e Humanidades nas bolsas do Conselho Europeu de Investigação, com a atribuição de €1,8 milhões ao projeto P.S. (Post Scriptum), que quer criar um arquivo digital da escrita quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna. O projeto é liderado por Rita Marquilhas, 51 anos, investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e professora associada da Faculdade de Letras da mesma universidade. A investigadora pretende "descobrir e publicar cartas privadas escritas em português e castelhano e trocadas por pessoas de todas as classes sociais entre o século XVII e o início do século XIX". São documentos inéditos guardados como prova em processos criminais e da Inquisição.

"FUTUROS LÍDERES CIENTÍFICOS" DO HOWARD HUGHES MEDICAL INSTITUTE



RUI COSTA

Centro Champalimaud para o Desconhecido

Saber "que tipo de neurónios estão envolvidos na automatização de certas ações humanas" é uma das áreas de investigação onde o cientista vai aplicar o financiamento do Howard Hughes Institute. O líder do grupo de Neurobiologia da Ação quer também adquirir novos equipamentos "que permitam ver a imagem da atividade neuronal de uma forma mais fina". Rui Costa, um dos promotores do Movimento Ciência Portugal, diz que a distinção ganha pelos cinco portugueses "é a prova de que vale mesmo a pena investir a longo prazo na ciência".

MEGAN CAREY

Centro Champalimaud para o Desconhecido

O que leva uma cientista americana a escolher Portugal, depois de ter trabalhado sempre nos EUA? "A Fundação Champalimaud atraiu-me porque gostei da equipa, é um projeto novo e aposta em áreas de investigação inéditas a nível mundial", explica Megan Carey, que dirige o grupo de Circuitos Neurais e Comportamento. Com a ajuda do financiamento do Howard Hughes, a investigadora quer fazer mais experiências que levem a entender como a atividade dos circuitos neurais influencia o nosso comportamento a nível molecular.



LUÍSA FIGUEIREDO

Instituto de Medicina Molecular

Encontrar "uma nova droga terapêutica para combater a doença do sono e as enzimas do parasita que a provoca, e que são essenciais para o mecanismo que este usa quando foge aos anticorpos da pessoa infetada" são as maiores ambições da cientista. A Unidade de Genética Molecular de Parasitas, que dirige, fica com o dobro do financiamento, o que vai permitir recrutar mais investigadores "e comprar equipamentos como um adaptador para um sorteador de células, que permite rastrear e analisar muitas amostras".



KARINA XAVIER

Instituto Gulbenkian de Ciência e Instituto de Tecnologia Química e Biológica

"Estou fascinada pelas bactérias da flora intestinal porque só agora, com os avanços da tecnologia, a microbiologia pode explorar e manipular essa flora intestinal, que tem um papel muito importante na proteção contra as doenças infecciosas e das doenças nutricionais como a obesidade ou a diabetes". A líder do grupo de Sinalização Bacteriana do IGC quer perceber como comunicam essas bactérias através de moléculas químicas para trabalharem em conjunto e manterem o estado de equilíbrio da flora intestinal.

MIGUEL GODINHO FERREIRA

Instituto Gulbenkian de Ciência

"Ser arrojado na investigação é uma das vantagens do financiamento do Howard Hughes", sublinha o dirigente do Laboratório de Telómeros e Estabilidade Genómica do IGC. De facto, é possível arriscar mais do que nos projetos de investigação normais, onde a perspectiva de obter resultados é determinante para conquistar financiamentos nacionais ou internacionais. Miguel Godinho Ferreira quer entender o mecanismo molecular que explica o envelhecimento, de modo a encontrar novas formas de combater as doenças ligadas à velhice, como por exemplo o cancro.

Expresso

28-01-2012

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 131300**Temática:** Sociedade**Dimensão:** 1122**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/25

“MULHERES NA CIÊNCIA 2011”

ANA BARBAS

Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica (IBET)

Investiga o cancro da mama, a doença oncológica que mata mais mulheres em Portugal. O seu objetivo é criar anticorpos humanos que possam bloquear o crescimento celular anormal provocado pela doença, que leva à formação de tumores. Doutorada em Biologia pela Universidade Nova de Lisboa, esta cientista de 35 anos espera que o seu trabalho contribua para a identificação de novos alvos terapêuticos.



INÉS SOUSA

Instituto de Medicina Molecular

A mais jovem investigadora premiada pela iniciativa “Mulheres na Ciência 2011”, com 29 anos, quer compreender a estrutura genética do Pneumotórax Espontâneo Primário, uma doença em que há o colapso de um pulmão ou dos dois por razões ainda desconhecidas. A investigação desenvolvida pela cientista, doutorada em Genética Humana pela Universidade de Oxford, é pioneira a nível mundial.



ADELAIDE FERNANDES

Research Institute for Medicines and Pharmaceutical Sciences (iMed.UL, Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa)

Descobrir se o aumento dos níveis da proteína S100B na esclerose múltipla pode estar na origem de um atraso na recuperação do doente é uma das ambições de Adelaide Fernandes, 33 anos, doutorada em Farmácia. A investigadora pretende reduzir a extensão dos danos causados pela doença, como a perda da locomoção ou da visão.

